

*Conteúdo oferecido por Hospital Israelita Albert Einstein*

***Expectativa do setor é garantir a telemedicina de forma integrada às possibilidades presenciais, melhorando a jornada do paciente***

Há pouco mais de dois anos, a telemedicina ainda crescia a passos tímidos no Brasil. Por vezes vista com certa desconfiança entre pacientes e até médicos, a prática também vivia um limbo jurídico, pois até então sua última regulamentação era de 2002. Fato é que, de lá para cá, o cenário da saúde mudou completamente. Hoje, não é exagero dizer que essa vertente da medicina foi essencial no combate à pandemia de Covid-19.

De acordo com [dados da Saúde Digital Brasil \(SDB\)](#), entidade representativa dos prestadores de serviço de telessaúde brasileiros, mais de 7,5 milhões de atendimentos foram realizados via telemedicina no país, entre 2020 e 2021. Desse número, estima-se que 1% foram fundamentais para a manutenção de vidas, representando 75 mil pessoas salvas.

“É comum confundir a chegada do novo coronavírus como o ponto inicial de adoção da prática. Mas, na realidade, ela foi um grande catalisador. Não podemos tratá-la como um agente isolado”, aponta Carlos Pedrotti, gerente médico do Centro de Telemedicina do [Hospital Israelita Albert Einstein](#).

**[Leia aqui na íntegra.](#)**

**Fonte:** Futuro da Saúde, em 08.06.2022